



Em **S**ociedade

REDES SOCIAIS: influência, identidade e diferença na contemporaneidade.

Telêmaco Pompei¹
Luís Manuel Borges Gouveia²
Paulo Fonseca Matos da Silva Ramos³

¹ Doutorando da Universidade Fernando Pessoa, Portugal. Aluno. | telemaco.pompei@gmail.com

² Professor Catedrático da Universidade Fernando Pessoa, Portugal | imgb@ufp.edu.pt

³ Docente da Universidade Fernando Pessoa, Portugal | pramos@upf.edu.pt

Resumo

A influência das redes sociais digitais no mundo contemporâneo é algo incontestável, informações são postadas a cada segundo e disseminadas com a mesma velocidade. Essas representam, infinitas maneiras e formas de o indivíduo se integrar a determinados grupos, de interação entre seus pares e o meio social, cada vez mais marcado por novas identidades e diferenças. É um mundo relativamente novo de caminhos multifacetados, que abriga diferenças étnicas, de gênero, entre outros, em certa medida, ferem a individualidade e a dignidade da pessoa humana. Nesse cenário, as figuras dos *influencers* se destacam influenciando, principalmente adolescentes e jovens que buscam incessantemente novas identidades e/ou se posicionar diante das diferenças. O objetivo desta revisão é entender até que ponto as redes sociais (Facebook, WhatsApp e Instagram) influenciam identidades e diferenças (gênero e etnia) na atualidade. A questão que se põe é até onde as redes sociais podem ser nocivas ou benéficas às pessoas? A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica, exploratória e descritiva, com abordagens conceituais de linguagem, identidade, redes sociais. A revisão teve como base publicações extraídas da *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), além de livros de autores como Zygmunt Bauman e Stuart Hall. Para buscar os artigos, palavras chave foram usadas em português e inglês, associadas ou não: redes sociais (social networks); identidade (identity); diferenças (differences); contemporaneidade (contemporaneity). Ao final desta revisão, percebeu-se que as redes sociais digitais poderiam desempenhar um papel altamente benéfico e produtivo na sociedade contemporânea. No entanto, indivíduos sem rostos usam as redes sociais para disseminar preconceito, ódio, impor opiniões, influenciar, marcar diferenças e estabelecer desigualdades, o que é nocivo à boa parte da população usuária.

Palavras-chave: Diferenças. Identidades. Redes sociais. Contemporaneidade.

Abstract

The influence of digital social networks in the contemporary world is undisputed. Information posted every second and disseminated at the same speed. Endless ways and means for the individual to integrate into certain groups, of interaction between their peers and the social environment, increasingly marked by new identities and differences. It is a relatively new world of multifaceted paths, where ethnic and gender differences, among others, to some extent hurt the individuality and dignity of the human person. The figures of influencers stand out influencing, especially teenagers and young people who are incessantly seeking new identities and/or taking a stand in the face of differences. The objective of this review is to understand the extent to which social networks (Facebook, WhatsApp and Instagram) influence identities and differences (gender and ethnicity) today. The question is how far can social networks be harmful or beneficial to people? Methodology was the bibliographical, exploratory and descriptive review, with conceptual approaches to language, identity, social networks. The review was based on publications taken from the Scientific Electronic Library Online (Scielo), as well as books by authors such as Zygmunt Bauman and Stuart Hall. Keywords were used in the searches in Portuguese and English associated or not: social networks; identity (identity); differences (differences); contemporaneity (contemporaneity). At the end of this review, the perception you have is that digital social networks could play a highly beneficial and productive role in contemporary society. However, faceless individuals use social networks to spread prejudice, hatred, impose opinions, influence, mark differences and establish inequalities, which is harmful to a large part of the user population.

Keywords: Differences. Identities. Social networks. Contemporaneity.

1. INTRODUÇÃO

Desde de sempre, a comunicação, por meio da fala e da escrita, tem sido o “mecanismo”, por excelência, de interação entre os indivíduos, é por meio dela que todos (ou quase) todos se fazem compreender e/ou compreendidos, no contexto social. A comunicação é uma necessidade humana, visto que a falta de comunicação acarreta um sentimento de isolamento, de exclusão, sem conexão ou não pertencimento a todo o sistema em rede estabelecido em sociedade.

Nesse sentido, o conceito de redes se origina de diversas áreas de conhecimento, especialmente da “Antropologia e Sociologia” e os princípios fundamentais da aplicação desses conceitos são: “interação, relacionamento, colaboração, compartilhamento, integração e complementaridade” (ISONI, 2009, p. 14).

E são esses princípios que estruturam as redes sociais digitais. A análise de redes sociais, segundo Marques (2007, p. 158), “parte do pressuposto de que as relações sociais constituem a unidade básica da sociedade, ao invés dos atributos dos indivíduos. Nesse sentido, o mundo social seria formado ontologicamente por padrões de relação de vários tipos e intensidades em constante transformação”. Diante disso, uma rede é formada por vários atores, com vínculos e laços relacionais de diferentes tipos e intensidades (ISONI, 2009), como também de diferentes realidades (sociais, étnicas e culturais).

Nesse contexto, buscamos entender até que ponto as redes sociais (Facebook, WhatsApp e Instagram) influenciam identidades e diferenças (gênero e etnia/raça) na atualidade. Para tanto, optamos pela pesquisa bibliográfica de cunho exploratória e qualitativa, por meio de uma revisão de literatura, não sistemática, a partir de autores como Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Marques, entre outros. Foram selecionadas publicações, dos últimos 10 anos, totalizando 61 publicações, porém, utilizou-se apenas 24, que atenderam a proposta deste artigo.

2. LINGUAGEM

A linguagem (língua deduzida da necessidade do homem de se autoexpressar) é diversificada, “não se restringe ao verbal”, uma vez que pode ser escrita, gestual ou mesmo instrumental. Nessa perspectiva, a palavra aglutina o verbal e o não-verbal e constitui-se como enunciado, pois recebe acento de valor. Então, se, de um lado, o termo vive sob o signo da

alteridade ao ser inscrita avaliativamente, de outro, toda manifestação humana, ao possuir o caráter avaliativo, também se inscreve como enunciado, como linguagem (Bakhtin, 2016). Nesse sentido, na teoria bakhtiniana, a “palavra” tem relevância, pois é considerada, por excelência, um fenômeno ideológico, isto é, a palavra é “sempre orientada socialmente para um interlocutor real ou virtual” (Di FANTI, 2003, p. 100). Assim, a palavra é considerada como o modo mais puro e sensível das transformações sociais.

A linguagem já estava presente como um mecanismo de suma importância na integração humana. Na medida em que as relações humanas se potencializaram, tornando-se cada vez mais entrelaçadas e difusas, o que, gradativamente, potencializou a comunicação entre os homens. Várias formas de comunicação eram expressas, por meio de gravuras, “arte rupestre”, do latim *ars rupes*, o que significa “arte sobre rocha”, desenhos em cavernas, uma das formas de registros culturais, eventos e simbologias diversas.

Atualmente, nas redes sociais digitais, destaca-se o Facebook, WhatsApp e Instagram, há “linguagem” por meio de expressões gráficas, desenhos, comunicações de maneira geral, como os *emoji's* (símbolos), por meio dos quais, há troca de informações, expressão do pensamento que se apresentam de forma instantânea, a ilação que se alcança é que a linguagem e suas diferentes formas foram e são fatores primordiais para conquistas, progresso e desenvolvimento de toda humanidade.

A linguagem usada na internet, segundo Bezerra (2013),

[...] linguagem da Internet, assim homogeneizada e naturalizada, não poucas vezes é vista e descrita como uma ameaça à integridade da língua portuguesa e, portanto, encarada como algo diferente e oposto a esta. Seria, pois, algo como uma nova linguagem ou antes uma nova língua que, para se instaurar, ameaçaria usurpar o locus social determinado para a existência e o funcionamento da língua portuguesa. Independentemente da ausência de suporte científico para tal forma de pensamento, não é de hoje que se defende a ideia de que o português brasileiro estaria sendo “assassinado a tecladas” por usuários que vêm adotando um novo “idioma” denominado Internetês (BEZERRA, 2013, p. 2).

Quando se trata desse tema – linguagem da internet – chama a atenção sobre a ausência da ortografia correta, por diversas instâncias, núcleos, grupos sociais, sobretudo quando se refere à livre manifestação/expressão do pensamento, em que se observa uma linguagem “criada pelos indivíduos”, usada de maneira distorcida da regra gramatical. A percepção que se tem é que a maioria deles não dominam a escrita, mas, de alguma maneira, abrem possibilidade,

permissibilidade para se expressarem da maneira como bem lhes convier, sem que, necessariamente, com isso sofra qualquer tipo de sanção.

Essa linguagem ou idioma denominado de “Internetês” por Bezerra (2013), talvez seja, um princípio permissivo para que discussões sobre temas variados possam ser discutidos, debatidos e até mesmo afrontados nas redes sociais digitais, que se inserem como protagonistas, que se transformando como um grande palco das manifestações populares, sociais, políticas entre outras. Ato que se tornaram recorrentes em todos os canais de acesso e de domínio público.

Numa sociedade que cada vez mais estabelece relações entre pessoas, em ambiente virtual, as redes sociais, passaram a ser instrumentos que influenciam e formam opiniões, buscam (re)formar identidades, marcam os diferentes e permitem que o indivíduo adentre, sistematicamente na vida do outro, sem medir consequências. Os efeitos são paradoxais, pois, ao mesmo tempo em que rompem fronteiras, valores tradicionais, permitem liberdade de criatividade e de expressão, ilimitadamente, em todos os sentidos.

A liberdade nas redes sociais reforça as diferenças e as desigualdades sociais, numa lógica de poder que se pauta em imposições de valores de mundo marcado por padrões de imagens e ideias, promovendo segregação social (preconceitos, intolerância, impaciência, isolamento) entre outras consequências, a disseminação do ódio racial, de gênero e de ideologias, notadamente em grupos formados nesses ambientes virtuais.

3. REDES SOCIAIS DIGITAIS

O uso de redes sociais e sua influência se mostram como um fenômeno recente e tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento buscando compreender os efeitos à sua exposição em populações diversas (Tiggemann & Zaccardo, 2018), estabelecendo padrões de beleza, atitudes, impactando, principalmente adolescentes e jovens, reforçando o narcisismo (Fardouly et al., 2015; Kim & Chock, 2015). E, apresentam-se como um grande desafio em diversas áreas do conhecimento, no que se refere a métodos de pesquisas, e tem despertado interesse de estudiosos e pesquisadores para investigar e tentar compreender as interações mediadas por esses meios tecnológicos (França et al., 2019).

Num de seus livros ‘*Opinião Pública*’ Lippman (1922 [1922]), conta uma história acontecida em numa ilha remota, na qual em 1914 viviam alemães, ingleses e franceses, juntos e harmonicamente. Na época não havia facilidade em se ter notícias do mundo, somente por meio de um barco a vapor, que passava de dois em dois meses trazendo a essa comunidade jornais mais recentes. Em setembro do mesmo ano, o barco ancorou na ilha com a notícia que a Alemanha estava em guerra com a Grã-Bretanha e a França desde julho, e até então todos viviam naturalmente e como amigos na ilha, quando na verdade, eram inimigos. [...] “os europeus descobriram algo muito diferente, que não apenas mudou sua visão do mundo, mas também seus relacionamentos internos” (apud HJARVARD, 2014, p. 22). Segundo o autor, essa história mostra, em tempos atuais, o poder das mídias em “mudar as representações em nossas mentes, ou seja, nossa interpretação do mundo social, e como isso, subsequentemente, vem a influenciar nossos relacionamentos e ações em relação a outras pessoas” (HJARVARD, 2014, p. 21).

O avanço das tecnologias e a globalização mudaram o mundo, fazendo com que informações que demoravam meses para serem divulgadas e conhecidas, passassem a ser difundidas instantaneamente, com uma rapidez inimaginável. Com o decorrer do tempo, correspondências de todo tipo foram substituídas por meios eletrônicos. Para Souza et al. (2017), a acessibilidade aos aparelhos eletrônicos, celulares, Iphones, entre outros, cada vez modernos, faz com que tenhamos o mundo na palma da mão. Dessa forma, as notícias são transmitidas em tempo real, imediatamente. É a chamada “comunicação de massa”.

Sob a ótica de Hjarvard (2014, p. 23), “a comunicação de massa tem sido complementada por uma variedade de mídias interativas, permitindo a todos não apenas receber, mas também se engajar ativamente em diversas formas de comunicação com alcance potencialmente global”, Como consequência, “várias formas de mídia foram integradas nas práticas da vida cotidiana, no local de trabalho até mesmo na família”.

Todas as mídias, possuem hoje um forte poder de influência. Antes, a mídia televisiva, era o único canal de informação, já exercia influência sobre a subjetividade. Mas, hoje, as redes sociais, permitem conexão entre várias pessoas, em locais distantes, “pois colocam perto o que está longe” e, além disso, exercem impactos ainda mais eficientes na subjetividade. “As tecnologias de comunicação sempre representaram formas de mediar nossa relação com o

mundo através da criação de um espaço que captura e contenção da experiência” (MOREIRA, 2010, p. 4).

A internet possibilita ultrapassar barreiras, antes impossíveis visto que permite comunicação em tempo real com qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, com recursos audiovisuais, algo antes inimaginável, basta ter *webcam*. “O sujeito se pulveriza em diferentes espaços simultaneamente; não há limites” (MOREIRA, 2010, p. 22). Nas redes sociais não existe limite de tempo e espaço e, assim, pode, de onde estiver, construir e modificar o mundo, ainda que virtualmente, como quiser, pode influenciar pessoas totalmente desconhecidas.

Kumar afirma que “no [novo estágio] do modo de informação, o sujeito não está mais localizado em um ponto no tempo/espaço absoluto, desfrutando de um ponto de observação fixo, do qual possa racionalmente calcular suas opções” (KUMAR, 1997, p. 139 *apud* MOREIRA, 2010, p. 22).

Santaella (2004, p. 98) esclarece que “ciberespaço designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terrenos de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”.

Já para Lévy (1999, p. 92) o ciberespaço é

o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores [...] o principal significado do ciberespaço é a interconexão geral de tudo em tempo real, a concretização do espaço virtual onde as formas culturais e linguísticas estão vivas.

O ciberespaço é um espaço de magia de tempo real, abre fronteiras, espaço intermediário entre industrialismo e pós-industrialismo. “É um rito de passagem obrigatório para os novos cidadãos da cibercultura, [...] uma entidade real, parte vital da cibercultura planetária que está crescendo sob os nossos olhos. Ele não é desconectado da realidade, mas um complexificador do real” (LEMOS, 2010, p. 141-137).

Nessa realidade do uso constante da internet para incrementar as relações sociais, temos como principal norte as redes sociais digitais, que agrupam vários segmentos de pessoas, transformando-se em um fenômeno de grandes massas digitais.

As redes sociais representam,

[...] muito mais do que ferramentas triviais de conversação, produzem efeitos e questionamentos relevantes sobre: interação social em ambientes mediados pela internet; vigilância, monitoramento e utilização de dados pessoais por empresas; *ciberbullying*; modos de nos apresentarmos enquanto sujeitos em plataformas onde não podemos contar com nossos corpos físicos; articulação de movimentos sociais e políticos; circulação de *fake news*, dentre uma série de outros (POLIVANOV, 2019, p. 104).

No ambiente dos meios de comunicação, a evolução, hoje, está caminhando a passos largos, podemos dizer, até mesmo de maneira frenética, reforçando a todo instante, a quebra de paradigmas, antes, seguidos em meio social. Essa evolução, se dá, inclusive, no modo com que os indivíduos se expressam, pois, se tornaram cada vez mais donos de seus próprios desejos e sabedores da sua própria história. Não há limites para espaços, ambientes, expressões e posições individuais e/ou coletivas. Há sempre um meio e um modo de se colocar nas redes sociais, seja pelo *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Twitter*, *Messenger*, *YouTube*.

Uma pesquisa independente, Ribeiro (2019) indica pesquisa realizada pela *Global Digital* em 2019, publicada pela Globo.com, mostra que o favoritismo pelas redes sociais é um fenômeno incontestável. A pesquisa indica o “*YouTube* (95%), seguido pelo *Facebook* (90%) e *WhatsApp* (89%)”, em termos de usuários ativos. No entanto, em nível mundial, o *Facebook*, lidera o *ranking* com 2,27 bilhões, o *YouTube*, com 1,900 milhões e o *WhatsApp* com 1.500 milhões (usuários ativos), segundo e terceiro lugar, respectivamente (RIBEIRO, 2019).

Nesse sentido, outras pesquisas vêm sendo realizadas mostrando que em 2020, as redes sociais ficaram ainda mais popularizadas, talvez pela Pandemia, com isolamento social, as pessoas buscaram mais acessar à internet, e, conseqüentemente às plataformas que se multiplicaram em números de usuários. Neste mesmo ano, uma pesquisa realizada por Xavier et al. (2020), mostrou uma estimativa das redes sociais mais usadas com maior número de acesso, indicando o *Facebook*, com aproximadamente 2,5 bilhões de usuários, o *Twitter* com 386 milhões de usuários ativos no mundo, e no Brasil, 14,5 milhões, com crescimento de cerca de 24% de usuários monetizáveis ativos em relação ao trimestre anterior.

4. INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS

A influência nas redes sociais é algo desmedido e sem controle. Segundo Souza (2021, p. 1) pessoas denominadas, *digital influencers*, ou *influencers*, divulgam apenas a “felicidade” disseminando a todos, em ambiente das redes sociais, que a vida é uma maravilha, ou seja, a

felicidade como estilo de vida perfeito, destacamos o Facebook, WhatsApp e Instagram. Ainda segundo a autora, “essas pessoas espalham conteúdo para milhares de seguidores, principalmente no *Instagram*, rede de compartilhamento de fotos, vídeos, que permite aplicar filtros digitais nas fotos compartilhá-los em outras redes sociais”.

São milhares de seguidores desses(as) *influencers* que se espelham e até se identificam, independente das diferenças de classes sociais, sexo, etnia. Esses(as) ditam tendências, estilo de vida, em grande parte irreais, e estão sempre mostrando algo que, em certa medida, é um sonho de muitos, mas inalcançáveis. O mesmo acontece com a divulgação de corpos esplendidos, sonhos de homens e mulheres, principalmente adolescentes que acreditam na imagem e buscam, a qualquer custo, alcançar o inalcançável. Outro aspecto é a plena felicidade, o que de fato, não acontece. Pode-se dizer que esses(as) *influencers* vivem na “ilha da fantasia.” Não existe distinção entre o imaginário e o real nas redes sociais digitais.

Para Souza (2021, p. 4, grifos nosso), “*a diferença entre a felicidade autêntica, legítima e real e a felicidade postada nas redes é abismal*”. E, explica: “porque a felicidade, tal qual nós abordamos via psicologia positiva, é uma experiência intrínseca, interna, que pode, claro, ser manifestada, mas nada tem a ver com a ostentação de felicidade”.

Vários problemas podem surgir na busca incansável por padrões de beleza, de corpo perfeito, até de⁴ saúde perfeita, de felicidade eterna, impostos nas redes sociais, que na maioria dos casos, se transformam em pesadelos, com consequências, às vezes irreversíveis. É o que muitos chamam de “positividade tóxica”, contaminante, a expressão é usada para tratar um determinado tipo de pressão adotada a partir de discursos positivos aliado a uma vida editada e postada nas redes sociais.

As identidades, principalmente entre adolescentes e jovens nas redes sociais se transvertem, se modificam, se desnudam numa irrealidade sem alcance. É um cenário de francas transformações.

Segundo Ferrari (2006),

O cenário no qual se insere o processo de produção de identidade como um dos elementos formadores da subjetividade aponta para a ideia de contágio. A

⁴ A título de esclarecimento ao leitor, a Psicologia Positiva “é uma área da ciência psicológica que investiga: a experiência subjetiva positiva, traços individuais positivos e instituições positivas” (ZANON et al., 2020, p. 2). Em outras palavras, é uma área da psicologia que investiga a felicidade e diversos aspectos positivos da experiência humana (SOUZA, 2021).

incorporação de modos de ser ocorre atualmente de forma rápida pelo contato entre grupos, indivíduos e bens de consumo. Em decorrência das alterações extremas pelas quais o processo de produção de modos de existência tem passado em um intervalo curto de tempo na história, novas redes de relações têm se constituído como importantes pontos de apoio na construção da subjetividade. Se até bem pouco tempo atrás tais processos se davam principalmente por transmissão através de parentesco, filiação e demais forças verticais (nas instituições como a família e o Estado, por exemplo) atualmente outras forças (como os meios de comunicação) contaminam os modos de ser de forma horizontal, propondo novas situações para a formação da subjetividade (DELLEUZE; PARNET, 1980 *apud* FERRARI, 2006, p. 2).

As identidades se criam (ou/e se transformam) em meio a uma complexa rede de comunicação, as redes sociais, enigmáticas, que oferecem infinitas possibilidades, a despeito de tudo e de todos.

As narrativas passadas já não mais se sustentam, pois, hoje, as escolhas são cotidianamente feitas, e, nas redes sociais, as pessoas elaboram suas próprias narrativas, constroem suas próprias histórias de vida, geralmente não reais, disseminando e influenciando inúmeras pessoas, sem amarras sociais, ou seja, sem regras sociais, antes existente.

Para Giddens (2002, p. 55-56),

[...] a identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento nem – por mais importante que seja – nas reações dos outros, mas na capacidade de manter em andamento uma narrativa particular. A biografia do indivíduo, para que ele mantenha uma interação regular com os outros no cotidiano, não pode ser totalmente fictícia. Deve integrar continuamente eventos que ocorrem no mundo exterior, e classificá-los na ‘estória’ em andamento sobre o eu.

Essa afirmativa do autor, é de suma importância, pois, nos chama a atenção sobre a ideia de identidade, sob três aspectos (narrativa, articulação e processo). A primeira, a identidade, diz respeito a uma construção narrativa, não “está” ou “é” de alguém, mas é elaborada discursivamente; a segunda, por mais que seja uma construção não se dá de modo aleatório, nem totalmente fictício, sendo necessário articular experiências e eventos à estória que se quer contar de modo crível e a terceira, a identidade está em contínuo processo (POLIVANOV, 2019).

Hall (2006) argumenta, que a noção de identidade é conceito complexo e pouco compreendido na “pós-modernidade”, tornando-se uma “celebração móvel”, que possibilita aos sujeitos assumirem, mesmo que temporariamente, uma multiplicidade e diversidade de identidades ao longo de suas vidas.

Assim, acontece nas redes sociais, uma série de atores interagem entre si, a partir de um meio, criando laços sociais nas redes. Nesse sentido, Bauman (2010, p. 46), diz que “uma rede

de comunicação, ainda que em forma miniaturizada, possui todos os elementos que marcam um espaço público. ” Sob a ótica deste autor, no entanto, as redes sociais são muito mais atrativas, pois, são mais fáceis de “limpar”, basta apenas, que aperte um botão de “deletar”, excluindo aquelas pessoas (ou coisas) não atendam sua expectativa.

Mesmo com essa possibilidade (e permissibilidade) de personalização, pode-se dizer assim, do espaço, as redes sociais ainda trazem muitos elementos da vida pública, ou da “vida *off-line*”, uma vez que todo o meio de interação, principalmente formado por pessoas, as quais são responsáveis por criar e (re)organizar espaços dentro dos meios (redes sociais). Portanto, parece ser importante que se tenha indivíduos que atuam como participantes na criação dessas redes sociais (MARTINS, 2013).

Zygmunt Bauman, em seu livro “*44 cartas ao mundo líquido moderno*”, faz uma reflexão a partir de artigos publicados, sobre a relação dos indivíduos pós-modernos e as novas tecnologias, e diz que,

É comum louvar ou acusar as inovações tecnológicas por estarem na origem das revoluções culturais; na verdade, as inovações conseguem no máximo desencadeá-las, oferecendo o elo que faltava numa cadeia completa de elementos necessários para deslocar a transformação nos costumes e estilos de vida existentes, da esfera das possibilidades para a esfera da realidade; transformação que já estava pronta há tempos e lutava para acontecer (BAUMAN, 2010 p. 44).

Podemos entender que as tecnologias, de modo geral, não são, necessariamente, o que influencia os indivíduos, a sociedade, mas, oportuniza algo que, de algum modo já existia e, hoje, as redes sociais são ferramentas ‘concretizantes’ das identidades.

No mundo contemporâneo, essas ferramentas se tornaram triviais, ao alcance de todos, acessíveis por todos ou em grande parte da população, principalmente entre adolescentes e jovens. As redes sociais se tornaram facilitadoras da busca por novas identidades, discussões sobre diferenças, e, hoje, são muitas.

5. IDENTIDADE E DIFERENÇAS NAS REDES SOCIAIS

Identidades e diferenças – Temas não simples de serem abordados, dadas as complexidades, divergências de opiniões e assim por diante. Por outro lado, devem ser tratados, discutidos, pois, diante de tudo que se tem visto nas redes sociais, a busca por uma vida perfeita, padrões estabelecidos de beleza, de corpos esculturais, culturas sendo difundidas, muitas vezes

erroneamente, modos de vida, entende-se da necessidade de se trabalhar, com cautela todas as variáveis que se apresentam.

Buscando entender 'identidade', Stuart Hall (1997, p. 10), diz que: “nas sociedades modernas, os indivíduos contavam com uma identidade unificada”, o que denomina de “sujeito do iluminismo”, ou seja, aquele cuja identidade sobrevinha, a partir do momento em que nascia e se desenvolvia, mantendo a mesma durante toda a sua vida existencial. Entretanto, atualmente, essa identidade entrou em colapso, deslocada e fragmentada, pois, num mundo com tantas transformações rápidas, até imediatas, as identidades estão sendo construídas a partir das redes sociais. Sujeitos buscam assumir outras formas de identidade(s), como a de gênero, por exemplo, isso pode, em momentos distintos, levá-los em diferentes direções, mudanças estruturais de comportamento.

Sob a ótica de Stuart Hall (1997, 1997, p. 9), um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas do final do século XX, fragmentando “as passagens culturais de classe, gênero, sexualidade, raça e nacionalidade”, as quais no passado, “nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. Essas transformações, segundo ele, também estão mudando nossas identidades pessoais, desestruturando a ideia que se tem de nós mesmos como “sujeitos integrados”.

Kobena Mercer (1990, p. 43), citado por Stuart Hall (1997 p.9), um crítico cultural, entende que a identidade só passa a ser uma questão quando está em crise, ou seja, quando “algo que se supõe como fixo é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Assim, num mundo em constante processo de mudanças (pós-globalização) e pós-modernização, a identidade passou a ser uma questão ainda mais significativa, porém, dotada de incertezas para as pessoas.

A identidade para Bauman (2004), é uma das maiores questões dos indivíduos líquidos (aquele que são frágeis, fugazes, inconstantes, maleáveis) modernos e está “colocada no topo de seus debates existenciais”. A própria identidade, aquela que define o ser humano como único, é definida por ele como “a rejeição daquilo que os outros querem que você seja” (BAUMAN, 2004 p. 30). No entanto, nesse mundo globalizado e líquido, como coloca Bauman (2004), repleto de identidades volúveis, é muito difícil entender exatamente o que torna uma pessoa um indivíduo único, se isso é possível atualmente.

Para o autor:

É nisso que nós, habitantes do líquido do mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos, e mantemos as referências comuns de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (BAUMAN, 2004, p. 32).

O grande “epicentro” da sociedade pós-moderna, sem dúvida, é a transformação, que ocorre em espaços temporais muito curtos. As relações humanas estão cada vez mais modificáveis, por uma série de fatores (sociais, culturais, geográficos, ambientais entre outros) e/ou talvez pela velocidade com que a comunicação pelas redes sociais vai se delineando e expandindo cada vez mais, indo ao encontro do indivíduo, seja num grupo ou individualmente. E, nesse ambiente, da mesma forma, mudanças de pensamento ocorrem com uma velocidade espantosa, num processo caracterizado como “modernização” e “aceleração tecnológica”.

Nesse sentido, Souza (2003, p. 53-57) corrobora dizendo que,

[...] a sociedade está em constante transformação tecnológica, o que impulsiona a forma como as relações sociais se estabelecem; e essas tendem a uma aproximação por afinidades. Assim, a tecnologia (...) promove um redemoinho cultural nas inter-relações de todos os sistemas do planeta, provocando uma reorganização, um redimensionamento nas relações dos indivíduos na sociedade [...] vivemos hoje em uma sociedade com uma cultura mediática/mediatizante, onde as mídias desempenham, a função de formadoras de opiniões, alteram hábitos e costumes, influenciam nas mais distintas áreas, seja do conhecimento, da economia, do entretenimento, etc.

Na mesma linha de raciocínio, o autor afirma que:

[...] o aperfeiçoamento dos meios de veicular a informação fundamenta-se na necessidade de o homem se comunicar. O ser humano ao longo de sua história mantém-se sempre na expectativa a desvelar novos horizontes, explorar territórios alheios, impulsionado pelo desejo de interação, de descoberta (SOUZA, 2003, p. 13).

Esses fenômenos, de acordo com Recuero (2009, p. 16), “representam aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da comunicação mediada pelo computador”.

Em seu livro “*Modernidade Líquida*”, Bauman (2001, p. 12) explica que “o fracasso” das ideias da modernidade franquearam a consciência pós-moderna. Sendo assim, a rigidez das instituições sociais, antes pilares da sociedade, como o estado de bem-estar, família, relações

de trabalho, afetivas, entre outras, vão dando lugar à liquefação. E, explica que essas instituições “outrora eram sólidas agora começam a se liquefazer se tornando frágeis, mutáveis e sem forma definida, capazes de se moldar em relação a inúmeras estruturas”.

A exemplo da proliferação nas redes sociais digitais, da promoção, podemos dizer assim, à naturalidade às diferenças sexuais, como uma maneira de desestabilização do conceito de família (sem radicalização) da visão binária do mundo, ou seja, uma visão de um mundo simplista, considerando somente os extremos, sem, contudo, enxergar a complexidade real das coisas. Tudo isso passou a favorecer a “proliferação de gêneros, integrar transsexuais, legalizar o casamento de pessoas do mesmo sexo, e assim alterar o modelo de família nuclear” (PASSOS, 2019, p. 4).

Em outro livro seu, “*Identidade*”, Bauman (2003), diz que:

A principal força motora por trás desse processo tem sido desde o princípio a acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase fluida. E os fluídos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças (BAUMAN, 2003, p. 55).

Assim acontece a cada segundo nas redes sociais, pois sua utilização frenética, constante torna as informações mais velozes e desenvoltas, arrojadas, até mesmo destemidas. Liberdade essa dada pela “liberdade de expressão”, algo incontestável, gerando no meio social novos comportamentos e maneiras de interagir.

Essa transformação constante, desmedida, até irracional, que representa uma angustia, talvez a maior, do indivíduo líquido moderno. E nesse mundo louco, em constante movimento transformador, será possível manter a própria identidade, em que medida, ser imutável?

Um dos problemas recorrentes nas redes sociais, além da busca incessante por novas identidades, modos de os atores sociais se (re)afirmarem, são as discussões em torno das chamadas “diferenças”, seja de gênero, de credo, etnia/raça, classe social, entre outras. São questões estruturais, mas, problematizadas diariamente, nas e pelas mídias televisivas e redes sociais, principalmente.

Brah (2006), refere-se ao conceito de diferença, como sendo a maneiras diferentes de discursos específicos, e como tal, formados, de ser maneira contestados, reproduzidos e ressignificados. Dentre as diferenças diversas, o racismo, que requer fronteiras determinadas,

imutáveis entre grupos considerados, fundamentalmente diferentes. Em outras constituições conceituais, podem descrever a diferença como algo relativo, variável e aleatório.

Para a autora, “a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão”. Entretanto, esta “é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo ou diversidade” (BRAH, 2006, p. 374).

A intolerância, a discriminação racial, contribui e, até mesmo incentiva grupos radicais ideológicos, a constituírem grupos, hoje crescentes, que vão contra tudo e todos que manifestam opiniões divergentes. Em alguns casos, esses grupos se mostram, como divisores de uma categoria social, que leva esses grupos a se colocarem em constante comparação entre “nós” e “eles”. Como coloca Pereira et al. (2003) constantemente, indivíduos são cooperativos em direção aos seus grupos (endogrupos) e a tendência é a de menosprezar membros de outros grupos (exogrupos). É um processo conhecido como “diferenciação intergrupar”, concebido como um dos fatores principais que seria um dos principais fatores que possibilita o surgimento de fenômenos sociais, como a formação de estereótipos e preconceitos, desencadeando frequentemente, conflitos ideológicos entre grupos.

Esses conflitos, desencadeiam discussões, em muitos casos, saem do campo da “normalidade” e passam para o campo das agressões, com consequências às vezes irreparáveis. Nessa perspectiva, o preconceito é visto como uma forma de relação intergrupar organizada sustentado pelas relações de poder entre grupos, produzindo e disseminando representações e ideias que explicam atitudes negativas e depreciativas, como também, comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de grupos minoritários (LACERDA et al., 2002). Esses grupos minoritários, em circunstâncias específicas, correm “o risco de perder a própria identidade por serem vitimizados por processos de controle e homogeneização”, no entendimento de Rifiotis (2006), citado por Carmo (2016, p. 203).

O desrespeito à pluralidade cultural, em viés, alcança o racial, gênero e social, que segundo Brah (2006, p. 337) “[...] precisamos estar atentos à maneira como as “necessidades” são construídas e representadas em vários discursos”.

Mairesse e Fonseca (2008, p. 138), dizem que,

a realidade do mundo contemporâneo impõe a circulação do sujeito por diferentes dispositivos e circuitos de produção de subjetividades tramadas por entre outras

verdades e certezas, pondo a todo momento em questão aquelas às quais pretensamente este vinha construindo. Neste sentido, a própria lógica da identidade se torna passível de desconstrução diante da pluralidade de formas rizomáticas e conexões plugáveis, enquanto canais de subjetivação. Como efeito destas miscigenações novos sujeitos constituem novos grupos e subgrupos. Entre outras verdades estes se organizam, muitos instituindo novos modelos de identidade. Identidades rígidas e/ou identidades fragmentadas, ainda situadas dentro da mesma lógica obtusa da unificação e do eu ideal.

Parece ser esta a síntese desse mundo contemporâneo. Como já mencionado, a busca incessante de perfeição, padrões de beleza, corpos esculturais, *status* social, entre outras coisas, levam o indivíduo a um mundo irreal, “identidades fragmentadas, dentro de uma lógica obtusa”, como bem definiu Mairesse e Fonseca (2008, p. 138). Não podemos deixar de acrescentar a esse universo de complexidades, multifacetado, o preconceito, a discriminação (raça, gênero entre outros), que tanto impactam, negativamente todo um contexto social.

CONCLUSÃO

As redes sociais fortalecem, a cada dia mais, a liberdade de expressão, abrindo espaço célere para a comunicação entre pessoas das mais variadas camadas sociais. As redes, um mundo complexo, sem fronteiras, livre em todos os sentidos e com possibilidade de comunicações e disseminar informações em tempo real, demonstra o ‘poderio’ que o entrelaçamento das opiniões dos usuários obtém a cada segundo, ou seja, um mundo agigantado e permissível.

Não há como negar o poder de influência das redes sociais digitais em todos os aspectos da comunicação humana. As redes sociais têm poder de divulgação de fatos noticiados, apelo popular, difusão de movimentos sociais, discussões entre diferentes, busca incessante de novas identidades e assim por diante.

As redes sociais digitais banalizam questões de suma importância, como ética e valores sociais, e não raro, milhões de pessoas, os seguidores, se juntam aos chamados *digital influencers* ou *influencers*, em busca da vida perfeita, uma vida fantasiosa, na maioria dos casos, mas, acreditam e tentam se colocar, de alguma maneira, perto daquela pessoa, mesmo em ambiente virtual. O risco é incomensurável. As consequências podem ser irreversíveis, pois, não existe felicidade plena, vida perfeita, principalmente se se considerar o momento crítico de

isolamento social, imposto ao mundo todo pela pandemia do COVID-19, que aliás, está sendo um período propício para o uso das redes sociais digitais.

A percepção que se tem é que as redes sociais digitais contribuem no processo de construção de identidades dos sujeitos contemporâneos, uma vez que são facilitadoras de relações e abrem espaços para exposições. Esses espaços virtuais oportunizam transformações, conceitos modificados, como consequência, relações interpessoais, em que milhares de pessoas buscam, não apenas construir (ou modificar) suas identidades, mas também abrir espaço para suas diferenças.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. [Trad. Paulo Bezerra e Notas a edição russa de Serguei Botcharov]. São Paulo: Editora 34, 2016. 176p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. [Trad. Plínio Dentzien]. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 192 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003. 110 p.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas ao mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 228 p.

BEZERRA, Benedito Gomes. O discurso acadêmico sobre língua e linguagem na Internet. **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, 5, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2013. p. 1-20.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, vol. 26, p. 329-376, jun, 2006.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílio 2019**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 21 de jul. 2021.

CARMO, Claudio M. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 64, p. 201-223, ago. 2016.

Di FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e Pespontos. **Veredas. Rev. Est. Ling.**, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, 2003, p. 95-111.

FARDOULY, Jasmine; DIEDRICHS, Phillipa C.; VARTANIAN, Lenny R.; HALLIWELL, Emma. Social comparisons on social media: the impact of Facebook on young women's body image concerns and mood. **Body Image.**, vol.13, Edição 2015, p. 38-45.

FERRARI, Marian A. L. Dias. O papel da diferença na construção da identidade. **Bol. Psicol.**; vol. 56, n. 124, mês 2006. p. 1-8.

FRANÇA, Tânia; RABELLO, Elaine Teixeira; MAGNAGO, Carinne. Digital media and platforms in the Permanent Health Education field: debates and proposals. **Saúde Debate** - Rio de Janeiro, vol. 43, n. especial 1, 219, p. 106-115.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1997. 102 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. [Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro]. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

HJARVAR, Stig. **Midiatização**: Conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, nº 1, São Paulo, p. 6-26, jan/jun. 2014.

ISONI, Miguel Maurício. **Comunidades Mediadas pela Internet**: fatores de sucesso. [Tese de Doutorado em Ciência da Informação]. Marília/SP: Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2009. 174 fls.

KIM, Ji Won; CHOCK, T Makana. Body image 2.0: Associations between social grooming on Facebook and body image concerns. **Computers in Human Behavior.**; 48:331-9, 2015.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 305 p.

LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leôncio. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 15, n 1, p. 165-178, 2002.

PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel R.; ALMEIDA, Saulo Teles. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: Análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 16, n 1, p. 95-107, 2003.

LIPPMANN, Walter. Public Opinion. New York: Free Press. 1 Pub, 1922. In: HJARVAR, Stig. **Midiatização**: Conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, n. 1, São Paulo, p. 21-44, jan/jun. 2014.

MAIRESSE, Denise; FONSECA, Tânia Mara Galli. Devir de diferença/devir de identidade: paradoxos do mundo contemporâneo. In: SILVEIRA, Andréa; GEWEHR, Catarina; BONIN, Luiz Fernando R.; BULGACOV, Yara L. M. (orgs.) **Cidadania e participação social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 133-141.

- McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. [Trad. Décio Pignatari]. São Paulo: Cultrix, 1969. 408 p.
- MARQUES, Eduardo. Os mecanismos relacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 22, nº 64, p. 157-161. Jun. 2007.
- PASSOS, Joana. O racismo, a moda, e a diversificação dos padrões de beleza: o exemplo de Iman, top model Somali dos anos 70/80. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol., 27, n. 1, p. e58981, 2019.
- POLIVANOV, Beatriz. Identidades na contemporaneidade: uma reflexão sobre performances em sites de redes sociais. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 8, jul. 2019.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.
- RIBEIRO, Carolina. Conheça as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2018. Global Digital (online). 15 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Comunicação, Educação e Novas Tecnologias**. Campos dos Goytacazes/RJ: Editora FAFIC, 2003. 145 p.
- SOUZA, Gabriela; FREITAS, Thaina Gomes; BIAGI, Cleina Roberta. A relação das mídias sociais na construção da autoimagem na contemporaneidade. **Akrópolis Umuarama**, v. 25, n. 2, p. 117-128, jun.-dez. 2017.
- SOUZA, Ludmilla. “*Vida perfeita*” em redes sociais pode afetar a saúde mental. **Agência Brasil**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/vida-perfeita-em-redes-sociais-pode-afetar-saude-mental>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- TIGGEMANN, Marika; ZACCARDO, Mia. Strong is the new skinny: a content analysis of fitspiration images on Instagram. **J Health Psychol.**, vol. 23, n. 8, p. 1003-1011, jul. 2018.
- XAVIER, Fernando; OLENSCKI, João Rodrigo W.; ACOSTA, André Luís; SALLUM, Maria Anice Mureb; SARAIVA, Antonio Mauro. Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19. **Estudos Avançados**, vol. 34, n. 99, p. 261-281, 2020.
- ZANON, Cristian; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; WECHSLER, Solange Muglia; FABRETTI Rodrigo Rodrigues; ROCHA, Karina Nalevaiko da. COVID-19: implicações e aplicações da Psicologia Positiva em tempos de pandemia. **Estud. psicol. Campinas**, vol. 37, n. 2, e200072, jan. 2020.